

**AS IMPLICAÇÕES HUMANAS DA FACE PERVERSA E EXCLUDENTE DA
GLOBALIZAÇÃO: CAMPO DE REFUGIADOS DE DADAAB¹**

Daniela Florêncio da Silva

Mestranda em Geografia

Universidade Federal de Pernambuco

danifs_br@yahoo.com.br

¹ Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

As implicações humanas da face perversa e excludente da globalização: campo de refugiados de Dadaab

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre os direcionamentos e desafios que a globalização, impulsionada pelo modelo de acumulação flexível, vem desenvolvendo no mundo. Através de uma perspectiva dialética, observa-se que a contradição inerente a este processo se expressa pela formação da desigualdade social e de processos excludentes. Como resultado desta atual realidade configura-se no mundo espaços de extrema precarização social e contenção de pessoas. O campo de refugiados de Dadaab, no Quênia, é um exemplo claro destas implicações humanas.

Palavras-chave: Globalização; Capitalismo de Acumulação Flexível; Contenção Territorial; Campo de Refugiados de Dadaab.

Abstract

The objective of this article is to make a reflection about the directions and challenges that globalization, promoted by the model of flexible accumulation, has been developing in the world. Through a dialectical perspective, observe that the contradiction inherent in this process is expressed by the formation of social inequality and excluding processes. As a result of this current reality sets in the world spaces of extreme precarious social conditions and contention of people. The Dadaab refugee camp in Kenya, is a clear example of these human implications.

Keywords: Globalization; Capitalism of flexible accumulation; Territorial Containment; Dadaab refugee camp.

Introdução

O espaço geográfico, ao longo dos anos, vem sendo moldado e transformado através dos diferentes contextos históricos e econômicos mundiais. A compreensão destas transformações e suas manifestações no espaço e na sociedade tem sido objeto de análise para a Ciência Geográfica, que tem como desafio na contemporaneidade, a apreensão de múltiplos e complexos fenômenos que estão agora inseridos em contextos mais amplos. Com a globalização, surge então a necessidade de análises complementares que interliguem desde a escala local a global, observando com isto a emergência de processos contraditórios, pois só beneficiam uma pequena parcela da população, desenvolvendo com isto a desigualdade social e a precarização social.

Na atual conjuntura, a globalização em seus diferentes parâmetros (social, econômico, político e cultural), promove mudanças no cenário mundial desenvolvendo uma profusão de conexões e fluxos que modulam o espaço em ritmos diferenciados. Este cenário é resultado do aprofundamento do processo do neoliberalismo, em um contexto de desregulamentação e flexibilização das normas do mercado e financeiras, apoiadas por um sistema jurídico conivente com suas ações de lógica nociva. Uma desregulamentação agora gerida por novas regras: a do modo de produção capitalista de acumulação flexível, assim definido por Harvey (2013).

Este estudo propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento das consequências humanas negativas da globalização, direcionada pelo atual processo de desenvolvimento capitalista. O campo de refugiados de Dadaab, no Quênia, é aqui abordado com o intuito da sua compreensão como exemplo de uma das faces mais perversa desse contexto, onde os aspectos de contenção territorial e precarização social estão presentes.

1. A globalização do capitalismo e suas contradições

O capitalismo em todo seu desenvolvimento sempre buscou alternativas para manter ou aumentar a sua lógica de acumulação. Este novo modelo produtivo descrito por Harvey (2013) funciona sobre a égide do Neoliberalismo, onde o mercado dita as regras para o seu funcionamento. Esta fase surgiu em resposta à crise da década de 1970, onde o modelo que vigorava era o do Fordismo/keynesianismo, caracterizado pelo Estado regulador e do bem-estar social (welfare). Com a crise, a característica de rigidez do anterior modelo, dá lugar a lógica da flexibilização com a retirada de possíveis obstáculos a circulação do capital, inclusive a diminuição gradativa da interferência do Estado, anterior regulador dos processos econômicos.

Com o avanço deste capitalismo e seu caráter de acumulação flexível, que cria ajustes para superar suas barreiras de expansão, o espaço geográfico se tornou mais complexo e desigual. O

desenvolvimento dos meios de transporte, de comunicação e da alta tecnologia diminuiu a distância entre os lugares, as pessoas e o capital, ampliando de forma marcante a sua velocidade e os diferentes fluxos. Essa nova dinâmica é abordada por Santos (2006), que destaca que essa produção flexível aliada às intensas inovações tecnológicas, científicas e informacionais, vão tornar o mercado global.

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. [...] A diferença, ante as formas anteriores do meio geográfico, vem da lógica global que acaba por se impor a todos os territórios e a cada território como um todo. O espaço "no qual o homem sobrevive há mais de cinquenta mil anos [...] tende a funcionar como uma unidade" (MAUREL, 1994, p. 40). Pelo fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização (SANTOS, 2006, p. 160).

Harvey (2013) também aborda a dimensão dessas transformações no processo de produção e seus impactos, sugerindo que o pós-modernismo é uma nova fase da compressão do tempo-espaço, no qual nos últimos vinte anos tem ocorrido uma intensificação desta compressão, que marca a relativização das distâncias físicas através do uso de aparatos tecnológicos. A consequência deste processo, segundo o autor, tem causado grandes modificações não só no âmbito político e econômico, como também no social e cultural.

Essa nova dinamicidade econômica dissipa pelo mundo suas características, “levando a formas mais indiretas de exploração e a controles culturais e ideológicos muito mais sofisticados e eficazes” (GOMES, 2009, p. 33).

Este é o lado obscuro da globalização, pois esta inserção em um mundo de oportunidades e melhorias não está acessível a todos. Essas inovações e benefícios seguem apenas determinados circuitos, onde esta flexibilidade e uma maior fluidez não se aplicam, por exemplo, a mobilidade das pessoas e o seu acesso a condições básicas de sua existência.

Bauman (1999) aborda o real significado desse processo apontando, por exemplo, a fragilidade cada vez maior em que o Estado se encontra, provendo mínimas garantias de segurança para uma determinada população, e para os que não fazem parte minimamente desta produção e consumo só resta à violenta repressão contra os questionamentos e ataques em virtude de sua atual condição. A flexibilidade, na verdade apresenta contornos de um profundo controle em relação aos seus possíveis obstáculos de fluidez, destacados pelo autor como controle dos gastos públicos, redução de impostos, diminuição da proteção social e a diminuição das regras rígidas do mercado de trabalho.

Flexibilidade do lado da procura significa liberdade de ir aonde os pastos são verdes, deixando o lixo espalhado em volta do último acampamento para os moradores locais limparem; acima de tudo, significa liberdade de desprezar todas as considerações que “não fazem sentido economicamente”. O que no entanto parece flexibilidade do lado da procura vem a ser para todos aqueles jogados no lado da oferta um destino duro, cruel, inexpugnável: os empregos surgem e somem assim que aparecem, são fragmentados e eliminados sem aviso prévio (BAUMAN, 1999, p. 112, grifo do autor).

Esta flexibilização e desregulações não ficaram apenas no âmbito dos aspectos econômicos, produziram reflexos diretos nos direitos sociais e nas relações humanas. As transformações impulsionadas pelo atual modelo produtivo desenvolvem não só novas produções espaciais, assim como novos parâmetros para as relações humanas e seu desenvolvimento, direcionando agora também, o modo de vida das pessoas e suas representações do mundo, onde se destacam a competitividade e a individualidade.

Essas consequências são também discutidas por Santos (2000) onde ele observa que a realidade do período atual pode ser descrita como uma fábrica de perversidade, onde a fome deixa de ser um fato isolado, e nunca na história houve um número tão grande de deslocados e refugiados, havendo também uma ruptura da dignidade, consumismo desenfreado e um aumento da competitividade também nas relações humanas. “Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo” (SANTOS, 2000, p. 24).

Assim, há o desenvolvimento de uma sociedade indiferente, que permite e pouco questiona a criação de territórios de grandes contrastes e disparidades sociais como as favelas ao redor do mundo, edificações modernas, segregadoras e despersonalizadas que seguem a lógica dos investimentos imobiliários e financeiros e não as reais necessidades e anseios da população. A cidade, por exemplo, torna-se assim um espaço para reprodução do capital e não um espaço de vida. É neste espaço, principalmente nas grandes aglomerações urbanas, que se percebe a proliferação de condomínios fechados, grades, cercas elétricas e circuitos de vigilância, em uma preocupação crescente e desenfreada com a segurança. Não existe mais uma convivência entre vizinhos. As pessoas se tornaram cada vez mais individualistas e indiferentes aos processos excludentes e de marginalização das pessoas.

O contexto atual é marcado, como afirma Bauman (2001), por uma modernidade leve ou líquida. Onde saímos da era do hardware (modernidade pesada) para a do software, “num mundo percebido como múltiplo, complexo e rápido e, portanto, como ambíguo, vago ou plástico” (BAUMAN, 2001, p. 136). A volatilidade do líquido caracteriza a lógica deste modelo econômico e das relações humanas, com a artificialidade, o consumo, incertezas e insegurança.

O autor Bello (2003) faz uma reflexão em torno de uma possível alternativa para este complexo e desigual processo atual da globalização, chamada por ele de desglobalização. Para

este autor, a desglobalização deve significar uma volta do mercado doméstico para o centro das atenções da esfera econômica, e não mais o mercado global. Os acordos internacionais econômicos sobre comércio e finanças podem existir, mas devem possuir uma característica descentralizadora de governança global. Exemplos de descentralização que deveriam ocorrer são as de instituições internacionais como Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional. Essa centralização de poderes demasiados e direcionados pelas principais economias mundiais desenvolve um contexto de extrema desigualdade e de exclusividade de prioridades, coordenada pela liberalização e desregulamentação do mercado. Porém o que se verá a seguir, segundo seus prognósticos, será uma desconstrução do atual processo e uma retomada da integridade das economias nacionais para que seja assegurado o bem-estar social. A desconstrução deve necessariamente ser associada a uma reconstrução de um sistema alternativo de governança global.

O contexto para a discussão da desglobalização é a crescente evidência não apenas da pobreza, desigualdade e estagnação que acompanharam a expansão dos sistemas globalizados de produção, mas também de sua insustentabilidade e fragilidade (BELLO, 2003, p. 146).

Ele destaca também a importância do papel principal que as Organizações das Nações Unidas devem ter no direcionamento de diálogos e propostas para a resolução de impasses nas próximas diretrizes que devem ser tomadas em relação à atual crise deste sistema de acumulação flexível. A proposta seria a criação de um Conselho de Segurança Econômico. A Organização das Nações Unidas (ONU) deve de fato o seu papel de coordenação mundial em prol da resolução de problemas econômicos, sociais, culturais e humanitários.

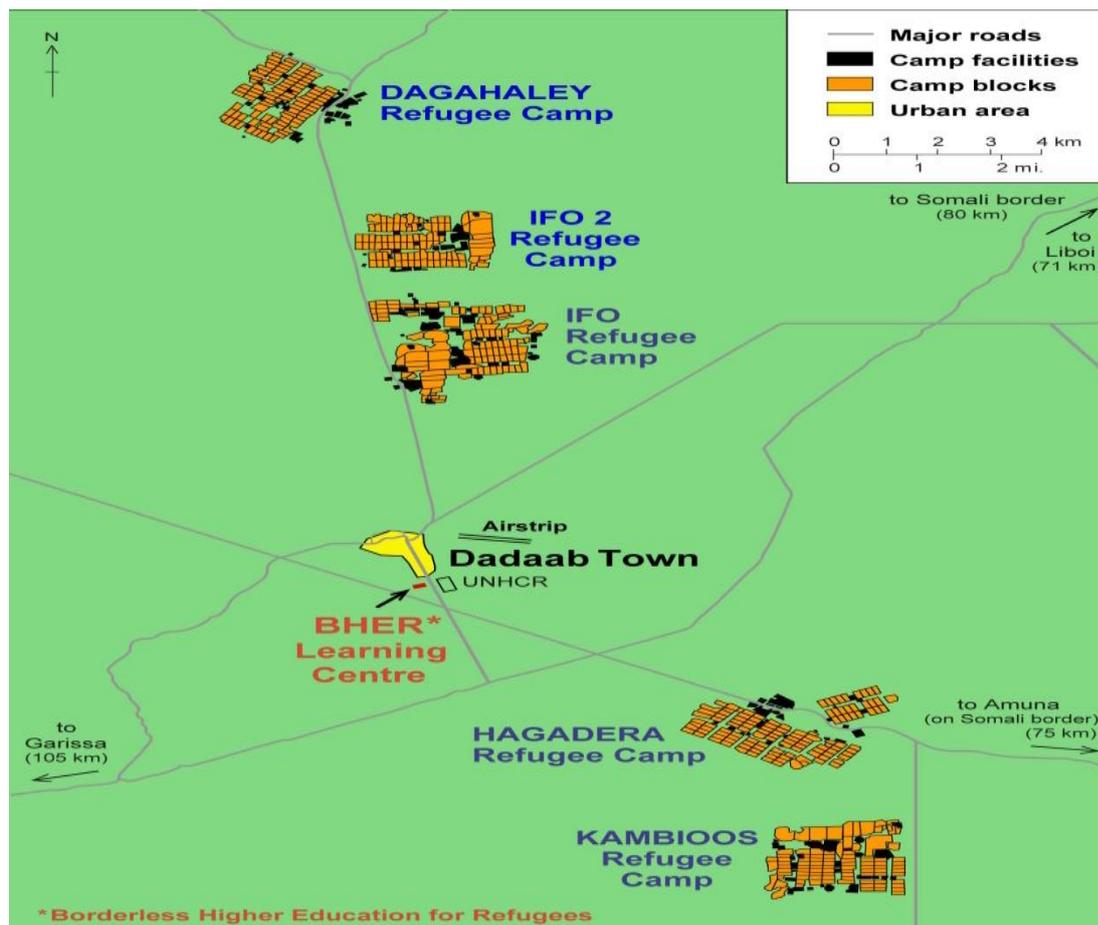
2. Campo de refugiados de Dadaab: o desafio da contemporaneidade

Dadaab, o fenômeno do “temporário-definitivo”, assim definido por Fisberg (2013, p. 155), cresceu ao redor da pequena cidade de Dadaab, localizada no nordeste do Quênia, a 80 quilômetros da fronteira com a Somália. Como é demonstrado no mapa 1 abaixo, é um complexo de 5 campos (Dagahaley, Ifo, Ifo 2, Hagadera e Kambioos) que tem uma extensão de 50 km², sendo considerado o maior campo de refugiados do mundo, com uma população atual de 355 mil refugiados, de acordo com as últimas estatísticas, em maio deste ano, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Ele foi formado em 1991 para abrigar os refugiados somalis que fugiram de seu país por causa da guerra civil que eclodiu neste ano.

Ao longo dos anos, refugiados de outras nacionalidades, fugindo também de conflitos étnicos e de crise de fome, foram para Dadaab. Grande parte é de países que fazem fronteira com o Quênia. Eles são da Etiópia, Sudão do Sul, República Democrática do Congo, Uganda, Sudão, Burundi, Eritreia e Ruanda. A maioria é de somalis, com 96% da população (UNHCRb, 2014).

De acordo com o relatório de junho deste ano do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, as três primeiras extensões foram Ifo, Dagahaley e Hagadera, que foram criadas para abrigar 30 mil pessoas cada um, entre 1991 e 1992. O segundo grande fluxo, de 130 mil refugiados, ocorreu em 2011 devido a uma crise de fome e seca no sul da Somália ocasionando a formação das extensões de Ifo2 e Kambioos. Entre as extensões mais antigas (Ifo, Dagahaley e Hagadera) e as formadas em 2011 (Ifo2 e Kambioos), há uma grande diferença. Os mais antigos que estão fixados há 23 anos, possuem características de uma cidade que foi se fixando aos poucos e desenvolvendo certa infraestrutura neste período. De acordo com este mesmo relatório, estas extensões mais antigas se transformaram em pequenos centros comerciais que ligam o nordeste do Quênia ao sul da Somália. Sem perspectiva de volta para seus países, ainda em conflito, gerações são formadas. Nelas, os primeiros refugiados que chegaram tiveram seus filhos e netos.

MAPA 1 – Extensões do campo de refugiados de Dadaab



Fonte: Borderless Higher Education For Refugees - BHER (2012)².

A maioria dos refugiados das mais recentes extensões (Ifo2 e Kambioos) são principalmente pastores, atividade que ainda tentam desenvolver em meio às muitas adversidades do local, contrastando assim com os refugiados das mais antigas extensões que desenvolvem a atividade comercial. Tudo de forma muito precária, e com auxílio das muitas organizações de ajuda humanitária internacional que auxiliam na organização do campo.

O clima desta região só intensifica as dificuldades dos refugiados. A grave seca que assola o Chifre da África desde 2011, a pior em 60 anos, de acordo com o Le Monde Diplomatique Brasil (CAMPOLINA, 2011), gerou o segundo grande fluxo de refugiados para Dadaab, neste mesmo ano, intensificando ainda mais as condições sanitárias e de serviços a esta população. A realidade deste campo é relatada pelo Comitê do Alto Comissariado das Nações Unidas, no X Modelo Intercollegial de Relações Internacionais.

² Disponível em: <<http://refugeeresearch.net/ms/bher/about-bher/dadaab-camps/>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

Mesmo os refugiados que são registrados e têm moradias, têm dificuldade em conseguir água, tendo que muitas vezes caminhar quilômetros para encher seus galões e às vezes enfrentar grandes filas para tal. A comida é distribuída para cada família duas vezes por mês, em forma de uma ração alimentar que, segundo o IRIN (Integrated Regional Information Networks) (2012), é de 2.100 calorias por pessoa. Mas muitos refugiados trocam parte desses alimentos por outras mercadorias, como roupas, perfumes e brinquedos, havendo, portanto, toda uma economia interna nos campos, desenvolvida ao longo de seus vinte anos de existência, o que acaba, muitas vezes, por gerar corrupção e violência por meio de roubos e furtos. [...]. Dada essa característica especial de não-cidadão queniano, não possui licença para trabalhar no país, tendo de recorrer a atividades dentro do campo como forma de obtenção de algum tipo de renda (MIRANDA et al., 2013, p. 37).

Os novos refugiados que chegam têm que esperar para conseguirem acesso ao complexo. Enquanto esperam para serem registrados constroem precariamente seus abrigos com materiais da própria região (FIGURA 01).

FIGURA 1 – Abrigos improvisados fora dos limites do campo de refugiados de Dadaad.



Fonte: World Food Programe (2011)³.

Quando se faz uma análise dos aspectos humanos na contemporaneidade ou das consequências humanas da globalização, surgem fatores preocupantes como as segregações espaciais. A crescente ascensão destes fatores vem configurando cada vez mais no mundo espaços e territórios conflitantes. Um dos mecanismos de manutenção da ordem, que deve ser

³ Comitê Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (2013). **A questão dos refugiados em Dadaab – Quênia.**

mantida em virtude do desenvolvimento dos diversos fatores de desestruturação social engendrados pelo atual capitalismo, é a “contenção” de pessoas (HAESBAERT, 2010). Hoje, percebe-se cada vez mais a existência de fronteiras, muros, diferentes zonas de controle de migração e centros de acolhimento. Este mecanismo está cada vez mais vivo e ativo, permitindo apenas o fluxo da mobilidade humana desejável e de acordo com os interesses econômicos.

As viagens globais dos recursos financeiros são talvez tão imateriais quanto a rede eletrônica que percorrem, mas os vestígios locais de sua jornada são dolorosamente palpáveis e reais: o “despovoamento qualitativo”, a destruição das economias locais outrora capazes de sustentar seus habitantes, a exclusão de milhões impossíveis de serem absorvidos pela nova economia global (BAUMAN, 1999, p. 80).

A mobilidade das pessoas e seu antagonismo desenvolvem contornos sociais significativos na pós-modernidade, pois nela, se observa uma estratificação das camadas sociais, onde há uma grande disparidade. Disparidade essa, materializada nos desiguais índices de mobilidade, onde “o topo da nova hierarquia é extraterritorial; suas camadas inferiores são marcadas por graus variados de restrições espaciais e as da base são, para todos os efeitos práticos, *glebae adscripti*” (BAUMAN, 1999, p. 113). Para o mesmo autor, a modalidade de confinamento e encarceramento de pessoas, em toda a história, tem sido utilizada como dispositivo de para os que causam problemas a ordem estabelecida e para os que não se encaixam ou participam dela.

O relatório da Comissão Mundial sobre Migrações Internacionais (2005) chama a atenção para o surgimento de uma tensão entre os interesses dos Estados e das empresas privadas em relação às migrações internacionais, demonstrando uma contradição no atual processo de globalização. As facilidades cada vez mais conferidas às circulações de bens, serviços, capitais, idéias e informações não são atreladas aos migrantes devido a políticas restritivas e a rígidos controles.

O tema abordado neste trabalho compõe uma das consequências mais dolorosas da globalização e uma de suas faces mais vulneráveis. O fenômeno dos refugiados no mundo, na contemporaneidade, alerta para os rumos adversos que o mecanismo de contenção dos fluxos migratórios vem desenvolvendo, assim como para os fatores desencadeadores de sua migração forçada. Eles são os chamados refugos humanos da globalização (BAUMAN, 2005), ou seja, o que é descartado por não se encaixar no atual modelo de produção e nem no consumo.

Sua dimensão pelo mundo cresce em números significativos. É o que aponta o último relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCRa, 2014), em junho deste ano, ao ressaltar que o número de refugiados, deslocados internos e apátridas alcançou a marca histórica de 51 milhões de pessoas.

Os campos de refugiados são um exemplo extremo dos processos excludentes. Eles materializam a formação de territórios precários formados por essa dinâmica. Sua existência dá a dimensão espacial e visibilidade a estes processos contraditórios da globalização. Agier (2006, 2008) discute esses processos de desenvolvimento da ordem mundial contemporânea fazendo uma reflexão sobre a formação de territórios de exceção, como os campos de refugiados. Para este autor, estes campos refletem a ação de biopolíticas desenvolvidas por esta ordem, e que não param de crescer, formando assim, as novas “margens do mundo” (AGIER, 2009, p. 361). O mesmo autor ainda observa que a compreensão destes territórios e da excepcionalidade que assumem, não deve ser restrita apenas ao interior de seu perímetro.

Para Haesbaert (2010) esses espaços foram criados para a contenção dos grandes fluxos desses migrantes tão vulneráveis, numa tentativa de controle e manutenção da ordem do país que os recebe. O autor os define assim, como campos de contenção biopolítica, onde o poder sobre a vida dessas pessoas se consolida totalmente, o chamado “biopoder”, fazendo referência a esta expressão dada por Michel Foucault e a noção da palavra “campo” de Giorgio Agamben. Nestes locais a exceção e a condição de excepcionalidade acabam se tornando a norma.

O campo de refugiados de Dadaab é um território profuso, e por isso, complexo, pois reflete, por exemplo, uma multiplicidade de realidades, identidades, Estados, nações e conflitos. Formado em 1991, no nordeste do Quênia, devido à eclosão da guerra civil na Somália, Dadaab é constituído hoje por um complexo de cinco campos que foram, ao longo desses vinte e três anos, construídos para abrigar os constantes fluxos de refugiados, não só somalis, como de países em conflito na região do Chifre da África. É considerado pelas Nações Unidas como o maior campo de refugiados do mundo, com uma população atual de aproximadamente 356 mil pessoas, de acordo com o último boletim do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCRb, 2014). Constitui um lugar com características de cidade, mas sem o reconhecimento legal e instrumentação jurídica para ser oficializada. E como seus habitantes, sobrevive em caráter de emergência e espera permanentes.

As perspectivas de construção de um panorama mais humano e justo para esta situação passam necessariamente pela formulação de instrumentos jurídicos eficazes que devem ultrapassar o seu caráter de caridade e de auxílio emergencial, que as diversas organizações internacionais de ajuda humanitária vêm desempenhando. Seria um importante fator para a conquista, de fato, de sua cidadania e de outros direitos essenciais para seu desenvolvimento humano. Destaca-se neste contexto, a função de coordenação das medidas executadas para resolução da problemática dos refugiados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que através da Declaração Universal dos Direitos Humanos para Refugiados de 1951 tem

desenvolvido cooperações com diferentes países para a aplicação e garantia destes direitos. O seu desafio, além da aplicação desses instrumentos jurídicos, é a atual necessidade de ampliação e revisão dos mesmos.

Para Michel Agier um dos pontos fundamentais para que os refugiados possam conquistar direitos efetivos é a sua “fama” (AGIER, 2008, p. 103, tradução nossa). O autor observa que o discurso e o espaço político, desenvolvidos sobre esse fenômeno, podem diminuir a distância entre essa realidade e a de todas as outras pessoas, fazendo com que se compreenda que todos, na verdade, estão sendo afetados por uma política de segregação global, porém em níveis bem distintos.

Considerações Finais

A sociedade hoje, interpreta o refugiado como uma exceção. Algo bem distante de sua realidade aparentemente ordenada e segura. São vistos apenas como produtos isolados de guerras civis, conflitos tribais, perseguições políticas e religiosas, e não como consequências de um contexto mais amplo e complexo no qual também está inserida.

Um dos fatores importantes para um efetivo direcionamento de sua resolução é o desenvolvimento de discussões e debates sobre esse fenômeno. A compreensão desses múltiplos processos, extremamente complexos, que configuram o espaço geográfico, direcionados pelo atual sistema de produção capitalista e pelas relações de poder, possui grande importância, pelo desenvolvimento cada vez maior de territórios precários e de característica conflitante, como este campo de refugiados. É através desta compreensão que podemos refletir e nos posicionarmos por uma sociedade mais democrática, que respeite as diferentes culturas, sem desigualdade social e inserida de forma igualitária nas diversas redes globais.

Referências

AGIER, M. **Gérer les indésirables: des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire**. Paris: Flammarion, 2008. 350p. Resenha de: BIRMAN, P. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 32, p. 360-363, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a16.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. **On the margins of the world: the refugee experience today**. Malden: Polity Press, 2008.

_____. Refugiados diante da nova ordem mundial. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, SP, v. 18, n. 2, p. 197-215, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999.

BELLO, W. **Desglobalização: ideias para uma nova economia mundial.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CAMPOLINA, A. Somália e semiárido brasileiro: seca, fome e política. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1051>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (GCIM). **As migrações num mundo interligado: novas linhas de ação.** 2005. Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/GCIM_Report_Complete_PT.pdf>. Acesso em: out. 2014.

FISBERG, A. **Mochila social: um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África.** São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2013.

GOMES, F. G. Mobilidade do trabalho e controle social: trabalho e organizações na era neoliberal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, PR, v. 17, n. 32, p. 33-49, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n32/v17n32a03.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

HAESBAERT, R. Território, insegurança e risco em tempos de contenção territorial. In: PÓVOA NETO, H. et al. (Org.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções.** Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2010. p. 537-557.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** 24.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2013.

MIRANDA, M. S. et al. **A questão dos refugiados em Dadaab: Quênia.** Rio de Janeiro, RJ: PUC-RIO, 2013. (X Modelo Intercolegial de Relações Internacionais-MIRIN).

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4.ed. São Paulo, SP: EdUSP, 2006.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo, SP: Record, 2000.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **War's human cost.** Genebra, 2014a. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/5399a14f9.html>>. Acesso em: 2 out. 2014.

_____. **UNHCR Dadaab and alinjuggur, Kenya briefing note.** Geneva, 2014b. Disponível em: <<http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/DadaabBriefingJune2014.pdf>>. Acesso em: out. 2014.